



Título del artículo / Título do artigo: Uma educação anárquica desde a América Latina

Autor(es): Silvio Gallo

Año de publicación / Ano de publicação: 2023

DOI: 10.63314/AZWO1756

Citación / Citação

Gallo, S. (2023). Uma educação anárquica desde a América Latina. *Ixtli: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 10(20), 147-161. <https://doi.org/10.63314/AZWO1756>





Uma educação anárquica desde a América Latina

Silvio Gallo
gallo@unicamp.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2221-5160>

Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisador bolsista 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)..

Resumo - Resumen - Abstract

Este texto, originariamente preparado para uma conferência no VI Congresso da ALFE, problematiza a educação contemporânea desde o território latino-americano. Elege o fundamentalismo como problema central de nosso tempo e procura esclarecer suas bases sociais e políticas, para pensar seus reflexos e interferências na Filosofia e na Educação. Defende-se que há um fundamentalismo filosófico que marca a tradição do pensamento ocidental, centrado na noção grega de *arkhé* (princípio, origem, fundamento), dando origem a uma filosofia áρχica. A educação ocidental, influenciada pelo pensamento filosófico, inscreve-se também em uma perspectiva áρχica, isto é, fundamentalista. É necessário, pois, enfrentar o fundamentalismo na Filosofia e na Educação, para

En este texto, que ha sido originalmente preparado para una conferencia en el VI Congreso de ALFE, se problematiza la educación contemporánea desde el territorio latinoamericano. Elige el fundamentalismo como problema central de nuestro tiempo e intenta aclarar sus bases sociales y políticas, para pensar sus reflejos e interferencias en la Filosofía y en la Educación. Defiende la tesis de que hay un fundamentalismo filosófico en la tradición del pensamiento occidental, que tiene por centro la noción de *arkhé* (principio, origen, fundamento), que origina una filosofía áρχica. La educación occidental, bajo la influencia del pensamiento filosófico, se inscribe también en una perspectiva áρχica, por eso fundamentalista. Para hacer frente al fundamentalismo social y político, hay que enfrentar el

This paper was written for a conference in the VI ALFE Congress and problematizes contemporary education from the Latin-American territory. It takes fundamentalism as the nowadays central problem and tries to understand its social and political background, in order to think how it interferes with Philosophy and Education. It sustains that there is a philosophical fundamentalism in the traditional thinking, centered in the Greek notion *arkhé* (principle, origin, fundamental), creating an archic philosophy. Occidental Education, under influence of philosophical thinking is also in an archic perspective, in other words, fundamentalistic. Is necessary to face fundamentalism on Philosophy and on Education, to make possible the social and political struggle against fundamentalism. The proposal de-

que a luta social e política seja possível. A proposta que aqui se apresenta é de uma filosofia e uma educação anárquicas, que negam o fundamento, para estabelecer um pensamento e uma prática pedagógica que girem em torno do criativo.

fundamentalismo en la Filosofía y en la Educación. La propuesta que se presenta es de una filosofía y una educación anárquicas, que deniegan el fundamento, para establecer un pensamiento y una práctica pedagógica producidos alrededor del acto creativo.

veloped is an anarchic philosophy and an anarchic education, to establish a philosophical thinking and a pedagogical practice centered into the creative act.

Palavras-chave: fundamentalismo; filosofia; educação; anarquismo; educação anárquica

Palabras clave: fundamentalismo; filosofía; educación; anarquismo; educación anárquica

Keywords: fundamentalism; education; philosophy; anarchism; anarchic education

Este texto foi preparado como base para a conferência de encerramento do VI Congresso da Associação Latino-americana de Filosofia da Educação (ALFE), julho de 2023, em Bogotá (Universidad de Los Andes e Universidad La Salle). Agradeço à comissão organizadora o convite que fez com que o texto fosse escrito.

Para citar este artículo:

Gallo, S. (2023). Uma educação anárquica desde a América Latina. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 10(20).131-145.



Uma educação anárquica desde a América Latina

A forma como penso e pratico a Filosofia da Educação está amparada na perspectiva de Filosofia proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1991): uma atividade de produção de conceitos. Isso implica, em minha forma de ver, que a Filosofia da Educação é, também e necessariamente, um empreendimento de produção conceitual. De acordo com os filósofos franceses, para a criação do conceito é necessário um plano de imanência, pré-filosófico, sobre o qual os conceitos são criados. Trata-se de uma perspectiva materialista e imanentista do conceito, que responde sempre a um problema ou a um conjunto de problemas que o filósofo encontra sobre o plano de imanência. De maneira que sem plano não há problema e sem problema não há conceito.

A Filosofia da Educação é, antes de qualquer coisa, Filosofia. Em meu ponto de vista, o campo educativo é o plano de imanência no qual habita o filósofo da educação; assumir esse campo como plano de imanência nos dá a materialidade necessária para a prática filosófica. No plano educativo, sem qualquer dúvida nos deparamos com problemas – que não são poucos – que nos forcem a pensar. Ao pensar em tais problemas, produzimos uma atividade filosófica (portanto conceitual), que imana do campo educativo e produz conceitos para fazer frente aos problemas ali encontrados. Neste registro, a Educação é a força, o conjunto de forças materializadas em um plano, que torna possível a prática filosófica.

É evidente que há problemas educativos que encontramos em qualquer parte do mundo; mas, também é verdade que as realidades locais impõem problemas locais; conceitos produzidos a partir dos problemas locais podem ser ferramentas para enfrentar problemas vivenciados em outros tempos e espaços, mas eles levarão a singularidade – o sotaque – desta localidade que os tornou possíveis. Digo isso para afirmar que o que praticamos como Filosofia da Educação na América Latina não precisa ficar restrito ao nosso território, mas levará sempre nosso(s) sotaque(s). E, enquanto latino-americano, um pensamento filosófico – no campo da Educação ou em qualquer outro – será, também e antes de tudo, produzido com as múltiplas sonoridades do português, do espanhol e das inúmeras línguas dos povos originários

destas terras e dos povos para cá trazidos. Logo, uma polifonia, uma miríade de sotaques, moldando estilos de pensamento que são, necessariamente, múltiplos e transversais. Se as vozes possuem seus sotaques, resultantes das misturas de que são resultantes, também os pensamentos têm sotaques, que os fazem únicos e singulares.

Assim, é desde meu lugar – meu território – e com os sotaques próprios de meu português brasileiro do sudeste do país, atravessado pelas vozes originárias e africanas, que ofereço a vocês este pensamento singular, que deseja convidar para que pensemos juntos.

Um problema contemporâneo: o fundamentalismo

Partamos do campo problemático. Como afirmei antes, o campo educativo é pródigo em problemas; por isso ele é um terreno fértil para a prática criativa da Filosofia, pois nos força a pensar de muitas e diversas maneiras. Nesta oportunidade, vou me deter em apenas um dos problemas centrais, aquele que considero como o grande problema de nosso tempo, que coloca a educação em uma encruzilhada, como aquela em que Édipo deparou-se com a Esfinge. Um problema que pode nos engolir, se não formos capazes de fazer frente a ele, produzindo conceitos que nos permitam superá-lo. Mas esta encruzilhada é também aquele local em que as religiosidades de matriz africana colocam seus ebós (oferendas) de modo que as forças da natureza possam trazer proteção e realizar possibilidades. A encruzilhada é, pois, lugar de parada, de suspensão, de interrogação, mas também lugar de experimentar os muitos possíveis. Lugar de perigo e de possibilidades. Em meu modo de ver, este problema que hoje nos coloca na encruzilhada dos pensamentos e ações educativas é o fundamentalismo.

Como compreender este fenômeno? O tema fundamentalismo começou a ganhar a cena com a revolução islâmica no Irã em 1979, sendo a palavra usada para “irritar” a linguagem política, de acordo com Helmut Dubiel (in DE BONI, 1995, p. 10). Ainda que Foucault (2004) tenha saudado esse movimento social e político, que mostrou a força da população iraniana, revoltada contra o poder instituído, sabemos os rumos que aquela sociedade tomaria com o novo governo. No texto para o *Le Monde* que foi escrito sob o impacto dos acontecimentos naquele país, Foucault (2004, p. 80) afirmou que “é sempre perigoso o poder que um homem exerce sobre outro”. O filósofo percebia, no momento mesmo da insurreição, que o poder pode agir como catalisador



de práticas de liberdade, mas também como instrumento de totalitarismos.

O que chamou a atenção no acontecimento iraniano foi a construção de uma “nova aliança” entre Estado e Igreja, na contramão da prática política moderna ocidental. A tomada da religião islâmica como fundamento da ação do Estado iraniano abriu caminho para toda uma nova série de conquistas de governos por líderes religiosos islâmicos. Para o que nos interessa aqui, foi um acontecimento emblemático, por colocar em pauta, ao mesmo tempo, um fundamentalismo religioso e um fundamentalismo político, ambos fundidos de modo indelével.

Ainda que contemporaneamente seja frequente atribuir o fundamentalismo religioso como sendo uma característica de grupos islâmicos, dispostos a matar e a morrer para afirmar sua fé, Dreher (2002) mostra que o fenômeno é oriundo de grupos cristãos. O autor afirma que hoje é comum que o conceito seja usado em relação ao outro; fundamentalistas são os outros, não nós mesmos. Porém, no início do uso do conceito a situação era totalmente diferente: foram grupos cristãos protestantes que reivindicaram para si o título de fundamentalistas, nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos. Se hoje o “ocidente cristão” acusa de fundamentalismo o “oriente islâmico”, é ele mesmo a fonte desta forma de encarar a doutrina religiosa. Por outro lado, se o protestantismo estabeleceu-se como revolta a uma igreja católica que recusava a se transformar, depois de um alguns séculos era este mesmo movimento que procurava fazer frente às mudanças.

Os fundamentalistas viam-se como contra-ofensiva a um modernismo que, assim diziam, havia se apossado do mundo protestante. Particularmente, esse fundamentalismo entendia-se primeiro como contra-ofensiva a uma Teologia orientada em método que estava interpretando os conteúdos da fé, especialmente os textos bíblicos, a partir de uma perspectiva histórico-crítica. O protestantismo, e esse era o seu pecado, estava se aliando à ciência moderna. Frente a esse modernismo, os fundamentalistas opuseram seus fundamentais (fundamentais). (Dreher, 2002, p. 80)

Vemos, então, que a postura fundamentalista em nosso tempo é ancorada em uma perspectiva religiosa: contra os ventos da mudança, seja ela qual for, agarrar-se a seus fundamentos, sejam eles quais forem, de modo a evitar as transformações. Ou mesmo para frear transformações em curso e, no limite, forçar um passo atrás, a volta a uma condição preexistente. Para as religiões monoteístas alicerçadas em um livro sagrado, é tal palavra escrita – tomada

como a palavra do profeta ou do próprio deus – que fornece o fundamento. No entanto, talvez seja necessário reconhecer que o fundamentalismo é a base da própria postura religiosa que se estabelece como uma comunidade, reunida em torno de determinados princípios que são os fundamentos daquela comunidade. A base do fundamentalismo é religiosa porque ele é atravessado pela fé, pela crença e confiança em determinadas verdades tomadas como incontestáveis.

Porém, o fundamentalismo não deixa de ser também um sintoma: trata-se de uma reação frente à dissolução de certos princípios, contra o qual se erige a fé nestes mesmos princípios. Christoph Türcke coloca este aspecto em relevo:

Então surge o fundamentalismo, a tentativa de proporcionar aos indivíduos desenraizados e inseguros novamente o apoio psíquico, remendando com massa de vidraceiro precisamente aqueles fundamentos, que estão se esboroando. O fundamentalismo evoca o que já está abalado. Justamente por isso ele insiste com tanta virulência nele. Não quer saber nada de objeções contra as suas convicções, pois ele mesmo as percebe de maneira excessivamente dolorosa. O fundamentalismo é o desmentido esforçado de sua própria dúvida, uma fé repassada de descrença e por isso não apenas uma fuga da modernidade, mas uma de suas faces mais típicas. (Türcke in De Boni, 1995, p. 51-52)

Sendo o fundamentalismo uma reação à modernidade, constituindo-se, assim, como uma de suas faces, ele é também um avesso do fenômeno típico dos tempos modernos, a utopia. Türcke afirma que “ele é a utopia voltada para trás, a utopia perversa” (idem, p. 63).

Outra questão importante de ser compreendida são as relações intrínsecas entre fundamentalismo e fascismo. Quando nasce como movimento político na Itália, o fascismo não esconde suas intenções fundamentalistas. Trata-se de fundar a ação política em princípios e valores dos quais não se abre mão. Trata-se de conservar, de impedir a emergência de novos valores. Trata-se de voltar atrás em avanços eventualmente construídos no tecido social. Trata-se de usar a força e a violência contra aqueles que não professam as mesmas verdades. Estudos sobre o fascismo como fenômeno histórico e contemporâneo o evidenciam:

É aí que entra o passado mítico. Essa nova ideologia prega que não é preciso começar algo novo, mas sim retornar ao tradicional, ao bom e



velho tempo, onde tudo era constante, seguro e previsível (como o colo do líder/pai). Tudo antes foi melhor, mais puro, mais compreensível, antes da degeneração iluminista corroer os ideais nobres, guerreiros e heroicos [...] Essa nova ideologia deveria ser una, unívoca, coesa, maciça e massiva e não admitiria não somente ideologias rivais: nenhuma dissidência seria tolerada. Surge o fascismo. (Gossn, 2020, p. 24-25)

Em suma: fundamentalismo é o outro nome do fascismo, e vice-versa.

Sabemos todos dos efeitos produzidos pelo fundamentalismo/fascismo no campo educativo. Em alguns lugares esse fundamentalismo é islâmico; entre nós, no Brasil e na América Latina, predomina um fundamentalismo cristão neopentecostal, que não se contenta em processar sua fé e seus valores: move todas suas forças para universalizar-se, a todos convertendo, impondo essa fé e esses valores como absolutos. Tal é o risco que hoje corremos e que ao qual precisamos fazer face.

Assim, o fundamentalismo se apresenta como o problema de nosso tempo, a ser enfrentado pela educação. Um fenômeno multifacetado, com aspectos religiosos, políticos, sociais, morais, que precisa ser compreendido nesta multiplicidade. Mas, não podemos deixar de colocar, há também um fundamentalismo na Filosofia, bem como um fundamentalismo na Educação. Para o enfrentamento do problema em suas múltiplas expressões, é preciso que comecemos pelos próprios campos que são os que habitamos.

Filosofia e fundamentalismo

Em um curso de 1955, Gilles Deleuze debruçou-se sobre o que significa “fundar” em Filosofia, desenvolvendo uma análise em cinco pontos, que aqui retomo de maneira bastante condensada. Primeiramente, há um aspecto mítico em todo ato fundante; é afirmada uma “origem”, que é mais profunda do que um simples começo. Aquilo que está na origem é sucessivamente repetido, até estabelecer-se, de modo que a “coisa” adquira um valor de “mundo”. O exemplo dado pelo filósofo é preciso: quando se funda uma cidade, ela é estabelecida à imagem do mundo. Segundo aspecto, esta “origem” adquire também uma significação filosófica. O fundamento não é um simples começo, mas o estabelecimento de uma relação do objeto com aquilo que ele não é, de forma essencial. Aqui o exemplo dado é o da matemática: houve um “começo” da matemática em uma cultura que ainda não comportava um

pensamento matemático. Então, para que a matemática seja, é preciso que ela se relacione com aquilo que não é. O contrário do ato filosófico de fundar é quando o objeto é pensado apenas por ele mesmo, isso é, a filosofia implica uma relação necessária com o seu exterior. O terceiro aspecto é a afirmação de uma “repetição psíquica”, uma repetição originária. Quarto aspecto: esta repetição implica que algo novo seja criado. O “desvelamento do espírito”, que se faz pela repetição, implica na imaginação, na possibilidade do novo. O quinto aspecto abordado pelo filósofo indica que é o ato de fundar que possibilita que os verdadeiros problemas sejam distinguidos dos falsos problemas .

O problema continuou intrigando o filósofo, e ele volta, transformado, mais de uma década depois, em Diferença e repetição. Aqui, “fundar é sempre fundar a representação” (Deleuze, 2006, p. 379), pois o ato de fundar é pensado como uma determinação. O fundamento é o Mesmo, o Idêntico, nunca aquilo que difere; ele age no âmago da representação, de modo a torná-la infinita. Mas, quando pensamos o Idêntico, o Mesmo, de fato não pensamos, apenas repetimos o que já foi pensado. No pensamento representacional, que constitui a linha do desenvolvimento da Filosofia no ocidente, da antiguidade aos nossos dias, assistimos a uma repetição que tende ao infinito, no qual criar se torna impossível. O pensamento é repetição do já pensado, não criação de um pensamento novo. Mas, na proposição de uma filosofia da diferença, será também a repetição a possibilidade da criação do novo, do pensar o impensado, o ainda não pensado. Como nos versos do poeta brasileiro Manoel de Barros: “repetir repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo” .

Deixemos Deleuze um pouco de lado, para nos determos em uma noção filosófica central. A Filosofia mais antiga entre os gregos, tentando romper com um pensamento marcado pela narrativa mítica, constituiu-se como uma busca pela arkhé, compreendida como o elemento natural originário da natureza mesma. A palavra grega costuma ser traduzida como “princípio”, tanto no sentido de origem quanto de começo, mas também podemos traduzi-la como “fundamento”, visto que aquilo que origina, que começa é também o que funda, o que constitui a base sobre a qual tudo se erige. O conceito, porém, não ficou restrito ao âmbito do estudo da natureza e de seu princípio, estendeu-se a toda a busca filosófica. Malabou (2022) faz uma interessante análise em torno da arkhé da política no pensamento de Aristóteles, mostrando que “a arkhé politikè organiza-se ela mesma como princípio lógico e ontológico que comanda a disposição de todas as coisas” (p. 56). Por essa razão, encontramos uma forte recusa da “anarquia” (negação da arkhé) no



pensamento grego, visto que a ausência de um princípio fundador significaria a desordem do pensamento e do mundo.

Pode-se dizer que a tradição filosófica europeia foi toda ela marcada por essa filosofia da *arkhé*, compreendida de diferentes formas; em Platão, trata-se da Ideia, que funda o mundo material. Não vou estender essa análise, quero apenas chamar a atenção para o fato que se trata de um pensamento da transcendência, de buscar o que está fora, pois é isso que está fora que fundamenta o que pensamos. Em duas palavras, trata-se de uma “filosofia *árquica*”.

Retomando Deleuze, em seu projeto de uma filosofia da diferença ele busca um pensamento original (*genital*, em suas palavras influenciadas por Artaud), pensamento criativo, que faz nascer o pensamento naquilo que ainda não foi pensado. Em outras palavras, um pensamento sem fundamento, um a-fundamento, ou mesmo um afundamento do ato de pensar. Coloca-se, assim, na contramão da tradição filosófica ocidental. Se esta é uma filosofia *árquica*, centrada na *arkhé*, proponho usar uma expressão não utilizada por Deleuze, mas que me parece óbvia: o que ele busca trata-se de uma “filosofia *anárrquica*”, que recusa e nega o fundamento, em nome de um pensar novo, livre e criativo.

Assim como o anarquismo enquanto teoria e ação política constitui-se pela recusa da legitimidade de qualquer poder, pela negação de um princípio de poder (*arkhé*), podemos falar em um anarquismo filosófico (ou uma filosofia *anárrquica*), que implica na recusa de qualquer princípio, de qualquer base sobre a qual se estrutura a natureza, o cosmos, o pensamento. Tal filosofia *anárrquica* estaria, assim, na contramão tradição filosófica ocidental, toda ela baseada na *arkhé*, no fundamento.

Educação e fundamentalismo

Em Santamaría y González Placer (1998) encontramos algumas abordagens em torno daquilo que seria um “fundamentalismo escolar”, focado na instituição, no currículo, no fenômeno do multiculturalismo e nas inquietações labirínticas que ele produz na escola. Mas, mais do que um fundamentalismo na instituição escolar, penso ser necessário pensá-lo no interior mesmo do ato educativo, algo como um “fundamentalismo pedagógico”, o ato de educar

tomado como a fundação de um processo de subjetivação que tenha por sustentação uma série de valores e de verdades, compreendidos de modo dogmático.

Para muitos, é praticamente impossível pensar uma educação sem fundamentos. Quando propus explorar essa questão em um curso de pós-graduação na área de Educação, alguns estudantes ficaram simplesmente apavorados, dizendo terem “perdido o chão”; ora, era justamente essa a ideia, experimentar algo ainda mais complexo do que Arendt (2021) denominou “pensar sem corrimão”, um pensar sem uma base sólida na qual possamos nos apoiar. Não se trata apenas de tirar os apoios de nossas mãos, mas nos tirar também o chão sob os pés, tornando a vertigem ainda mais intensa.

No pensamento educacional brasileiro e na estrutura de nossos cursos de formação docente, é muito comum se pensar a Filosofia como um dos “fundamentos da educação”. Isso equivale a dizer que, sem Filosofia, não há Educação, o que me parece, no mínimo, um exagero. Mas é uma forma de fazer com que a Filosofia sirva de base para a teoria pedagógica e para a prática educativa. Muitos de nossos filósofos da educação se valem desta posição e nela se apoiam, visto que ela parece garantir uma presença da Filosofia no campo educativo. Mas tal concepção é, também, uma forma de aprisionar a Filosofia e aprisionar a Educação. Sem uma base filosófica, não há educação possível; o que pode parecer absolutamente “natural” em uma ordem árquica do pensamento, é, de fato, uma amarra para o pensamento educacional, que deve sempre alicerçar-se naquilo que já foi pensado no campo filosófico.

Fundar o pensamento e a ação educativos na Filosofia (ou em qualquer outro “tijolo”) significa uma prática fundamentalista em educação. Sei que isso pode despertar uma espécie de horror (ou mesmo de ira) em vários de vocês, mas ousar dizer que a Filosofia da Educação que conhecemos, pensamos e praticamos, de Platão a Dewey, passando por Rousseau, para citar apenas alguns expoentes de pontos de vista muito distintos, é uma filosofia fundamentalista da educação. Ou uma filosofia árquica da educação, que pode até parecer mais “elegante”, mais “técnico”, mas que diz exatamente o mesmo. Um pensamento filosófico que estabelece verdades, princípios para fundar o ato educativo, sem os quais eles não seriam legítimos, sem os quais eles não seriam sequer possíveis.

Ora, é essa forma de ver, pensar, praticar a educação que marca o ocidente



e que marca a nós, latino-americanos, colonizados por espanhóis e portugueses. O pensamento árquico, entre nós, é uma herança colonial, da qual não sabemos (e, aparentemente, não queremos) nos libertar. Mas precisamos enfrentar essa questão com coragem: se o fundamentalismo é o grande problema de nosso tempo, se ele visa levar a um pensamento único, a uma única fé, a uma estrutura social única, a uma política única e assim por diante; se nós não compactuamos com ele e queremos combatê-lo, através das práticas educativas, é preciso antes de tudo reconhecer que essas mesmas práticas estão atravessadas pelo fundamentalismo. Se pretendemos fazer da Filosofia da Educação a arma (ou ao menos uma das armas) para tal combate, é preciso reconhecer que a Filosofia está, também, atravessada pelo fundamentalismo.

Em outras palavras, impõe-se a nós a necessidade de reconhecer a matriz árquica do pensamento e da educação, para exercitar um pensamento anárquico, uma educação anárquica, como compreensão do fenômeno fundamentalista em seus múltiplos aspectos e como um combate contra ele, em nome da liberdade e da criação.

Uma educação anárquica

Para concluir essa conferência, sem, porém, a pretensão de concluir esse fluxo de pensamento que é apenas inicial e tem muito ainda que avançar, traço algumas considerações em torno de uma educação anárquica, sem fundamentos e contra os fundamentalismos.

A escola moderna tem sido pensada/produzida a partir da lógica da arkhé – instituindo os fundamentos da educação e da escola, através de algo que poderíamos denominar um “paradigma arcaico” da educação ; daí a busca de saídas/linhas de fuga por possibilidades anárquicas (sem fundamentos, avessa aos fundamentalismos).

Como procurei explorar anteriormente, ainda que de modo inicial e sem maiores aprofundamentos, a noção de fundamento (arkhé) implica na transcendência, visto que o fundamento está fora daquilo que é fundado. Isso faz com que toda Filosofia que busca o fundamento seja uma Filosofia da transcendência. Se pensamos, por outro lado, a Filosofia como uma prática imanente, somos levados a admitir que a imanência implica em um a-fundamento, uma negação do fundamento, que é também um “afundamento”

no sentido de perder o chão. Ora, se a Filosofia da Educação é pensada e praticada como necessariamente imanente ao campo problemático delimitado pelo plano educativo, não há como ela ser fundamentalista. É neste contexto, pois, que se pode pensar – e praticar – uma educação anárquica.

Uma educação anárquica convoca para um aprofundamento da educação, o escape de um projeto educacional moderno fundado na representação que colonizou – e coloniza – corações e mentes com sua produção subjetiva centrada no ato de en-sinar (Deleuze & Guattari, 1980). Ensinar, mais do que marcar com um sinal, é inscrever num sistema de signos, dar um fundamento a partir do qual se possa pensar e agir, a partir de palavras de ordem. Uma educação anárquica convoca a sabotar a “máquina do ensino [estatal] obrigatório” (Deleuze & Guattari, 1980), inventando em suas franjas possibilidades outras de pensar e de agir.

Uma educação anárquica nos desloca da utopia (política e pedagógica, segundo René Schérer) do projeto moderno a uma heterotopia do fazer cotidiano, produzindo transformações e linhas de fuga à máquina estatal de captura e de subjetivação. Em outras palavras, desloca-nos de um fazer maior a um modo menor de pensar e praticar educação.

Podemos pensar a educação como um processo através do qual uma singularidade se constitui. Prefiro falar em singularidade, de modo a evitar o uso de conceitos como sujeito ou indivíduo ou mesmo pessoa, excessivamente marcados pelo pensamento moderno. Uma singularidade, ou mesmo um processo de subjetivação, que a constitui, pode se desenvolver a partir do Uno – que pode ser Jesus, Maomé, Jeová, mas também pode ser Tlaloc, Wiracocha, Tupã, Bagüé, não importa – isso implicará em uma perspectiva fundacionista, fundamentalista. Subjetivar-se ou ser subjetivado a partir do Uno implica na perda da multiplicidade, visto que ela será apenas e tão somente aparência, estará do lado daquilo que é descartável, não fundamental.

Coloquei anteriormente exemplos de natureza religiosa, mas o Uno não está presente apenas nesta matriz, ele atravessa também a tradição árquica da filosofia. É também fundamentalista uma educação que afirma a essência do humano, na longa tradição que se inicia com Platão e se ancora na modernidade, mas ainda o é uma educação que afirma a existência humana, desde Rousseau até nossos dias, passando por Dewey e companhia. Se não o admitirmos, a luta contra o fundamentalismo será vã. Em suma, o pensamento



árquico institui e segue instituindo um modo maior de se pensar e fazer a educação, hegemônico na modernidade, colonizador de nosso pensamento e balizador de nossas ações.

Em contrapartida, subjetivar-se de modo singular é estar do lado do múltiplo. Insistir em um modo menor de pensar a educação, fora dos cânones instituídos, nos abre a possibilidade de pensar sem o recurso ao Uno, sem sua necessária fundamentação, abrindo buracos e traçando linhas de fuga. Pensar e praticar a educação como esforços de singularização (Guattari & Rolnik, 1986; Gallo, 2016; 2019), sem um referente como fundamento, implica em um processo aberto de encontros produzidos ao sabor dos acontecimentos. Nas trilhas abertas por Michel Serres (1993), a singularização implica em abrir-se e expor-se ao outro, praticando misturas, devindo outros, de modo a constituir-se como si mesmo. Um corpo marcado pelos múltiplos encontros e devires, em constante transformação e criação. Um processo educativo aberto e constante, para o qual não importam as margens do rio, os portos de partida e de chegada; importa, sim, o fluxo, o processo, o devir, as águas que correm.

Para colocar um ponto final, ao menos por ora, os territórios latino-americanos produzem as singularidades que somos, na multiplicidade de nossos encontros. Uma educação anárquica implica em deixar-se seguir os fluxos dos encontros, e quanto mais multiplicidade, melhor. Se o fundamentalismo opera suas forças e seus devires fascistas para colonizar o que somos nos fluxos engessados de um paradigma arcaico da educação, apenas uma educação anárquica pode conjurar o fascismo, convocando as forças do múltiplo para operar os devires do pensamento e do desejo.

Referências

Arendt, H. (2021). *Pensar sem corrimão – Compreender (1953-1975)*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Barros, M. (2204). *O livro das ignoranças*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record.

De Boni, L. (org.).(1995). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Deleuze, G. (1955). *Qu'est-ce que fonder ? Cours hypokhâgne*. Lycée Louis le Grand 1956-1957, Cours du 30/11/1955. Disponível em: <https://www.webdeleuze.com/textes/218>. Acesso em 12/05/2023.

Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Deleuze, G & Guattari, F. (1980) *Mille Plateaux*. Paris: Minuit.

Deleuze, G & Guattari, F. (1991) *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris: Minuit.

Dreher, M. (2002). *Para entender o fundamentalismo*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS.

Foucault, M. (2004). É inútil revoltar-se? In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Gallo, S. (2016). *Deleuze & a educação*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Gallo, S. (2019). *Subjetividade, ideologia e educação*. 2ª ed. Campinas: Alínea.

Gossn, A. (2020) *Fascismo pandêmico*. Rio de Janeiro: Autografia.

Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica – cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Malabou, C. (2022) *Au voleur ! Anarchisme et philosophie*. Paris: PUF.



Mioto, L. (2022). *Escolas não-convencionais: um estudo sobre dispositivos pedagógicos inovadores*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina.

Santamaria, E & González Placer, F. (coord.).(1998). *Contra el fundamentalismo escolar*. Barcelona: Virus.

Schérer, R. (2009). *Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Belo Horizonte: Autêntica.

Serres, M. (1993). *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Veiga Neto, A. & Gallo, S. (org.).(2009). *Fundamentalismo & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.